

Conto de Flávio R. Kothe

Tornar-se pai é fácil; ser pai, difícil. Fui um jovem revolucionário, participei da Revolução de 1930, Getúlio me premiou com um cargo num tribunal e uma cátedra na universidade. Hoje sou um velho reacionário, minha aposentadoria do Tribunal é três vezes maior que a de professor. Tendo tido os meus choques com a assim chamada Geração de 1968, tenho feito algumas anotações: se não as fizer, a história nelas contida há de se perder como se não tivesse existido. Na estória pode haver uma síntese da grande história, ou ao menos uma sinédoque.

Tive muitos alunos, mas apenas um gênio. Foi aquele que eu pior tratei. Até tentei me aproximar dele, mas ele me repeliu. Era um jovem esperto, descendente de colonos, gente de que eu não gosto, líder estudantil, frequentava dois ou três cursos, não se envolvia com nenhum. Ficava dançando entre Direito, Letras, Filosofia, Ciências Políticas.

Ele era o filho que eu quisera ter tido, tão diferente dos dois que tive. Por isso eu talvez tenha visto nele o que nele não havia. Um filho meu se tornou homossexual, talvez para me incomodar. Um dia um grupo de valentões o pegou na saída de um bar e deu-lhe uma surra tão grande que ele se tornou tetraplégico. Formado em Direito, tenho de cuidar dele em meu apartamento. O mais novo sofre de ataques de loucura, fica furioso e grita, já destruiu três vezes parte da minha biblioteca. Acho que não mereci ter os filhos que tive. Se soubesse, não os teria tido.

Por isso, quando em 1967 me apareceu aquele rapaz bonito e inteligente, de cabelos compridos e barbudo, o que fiz, tendo eu recém retornado de dois anos em Coimbra como professor visitante, foi falar mal do desleixo dos estudantes brasileiros, que não usavam as batas dos lusitanos nem se punham de pé quando o professor entrava na sala. Disse até que tinha vergonha de dar aula para eles. Na terceira vez que eu disse isso, levantou-se esse rapaz e disse que, como representante de turma, tinha de protestar contra as

ofensas aos alunos brasileiros, que estavam tendo de enfrentar precocemente uma ditadura militar, enquanto os coimbrenses continuavam aceitando o salazarismo. Eu mandei que se sentasse, pois não sabia do que falava.

Sim, os rapazes vinham malvestidos, não faziam a barba, deixavam crescer os cabelos, eram desbocados, enquanto as mocinhas vinham bem arrumadas, estavam fazendo um curso de noivado. Um colega inglês estava encantado com elas, dizia que elas vinham para a faculdade como para um evento social, que na Inglaterra não era assim. Três anos antes, eu havia reparado num outro rapaz que, desde o primeiro dia como aluno, aparecia vestido com terno e gravata: mostrava que pertencia à elite local e, assim, convidei-o a ser meu assistente. Ele nunca seria mais que isso e jamais me apunhalaria pela frente como aquele outro, cujo nome prefiro não citar.

Esse meu assistente havia me instruído sobre esse rapaz loiro e alto, dizendo que era um comunista. Quando ele me apareceu para a primeira entrevista, perguntei:

- Já leu *A quinta coluna no Brasil*, do Aurélio Py, o chefe do serviço de segurança política do Rio Grande do Sul?

- Não, mas vou ler, ouvi dizer que fala das 3000 escolas fechadas por aqui em 1938. Vou ler, me interessa.

- Já leu *A locomotiva*, do Afonso Schmidt?

- Li, é sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo, uma obra bem-intencionada, mas de terceira categoria.

- Você vai fazer uma pesquisa sobre a poesia de língua alemã aqui no Sul, procure nos arquivos e bibliotecas.

- E quem vai me pagar por isso? Achei que eu poderia sugerir o tema. Estou interessado no mulato Lima

Barreto, como um ponto de vista político e social diferentes dos autores da oligarquia latifundiária.

- Não quer logo compará-lo a Machado de Assis?

- Poderia, mas isso seria mais que um trabalho de semestre. Machado escreve melhor, mas esse mulato se identificou com a oligarquia escravagista, até foi branqueando com o tempo.

E aquele garoto, que não tinha vinte anos, deu uma risada, como se estivesse rindo de mim. Sem dizer mais nada, fiz sinal para que se retirasse. Quinze dias depois ele me entregou um *paper* de umas quinze páginas. Era sobre Lima Barreto, não sobre a poesia gaúcha de língua alemã. Fiquei com raiva, nem li, dei-lhe a nota cinco, para me livrar dele. Depois eu soube que ele havia enviado o trabalho para um prêmio nacional e tinha sido classificado entre os melhores. A vingança dele foi não me dizer nada.

Percebi que havia mais professores que não gostavam dele. Um deles havia apresentado uma nova teoria da língua portuguesa, pela qual quanto mais emoção maior seria o número de palavras e interjeições, ao que esse rapazinho havia perguntado se o máximo de emoção não levaria ao silêncio. Com uma pergunta ele parecia demolir a elucubração de uma vida inteira. O rapaz nem percebia os ódios que provocava. Também não os amores: nunca o vi de mãos dadas com uma namorada, não parecia homossexual, mas dava a entender que não pensava em casar e montar família. Ele nem parecia preocupado em conseguir uma profissão.

Estava eu um dia exaltando as qualidades de *O Uruguai*, dizendo que não devia ser confundido com o Uruguai, em que Basílio da Gama cantava a destruição dos índios primitivos pelo princípio civilizatório representado pelas tropas ibéricas do Tratado de Madri, que protegiam os interesses lusitanos e espanhóis contra os jesuítas que haviam tentado montar um reino próprio. Exaltei o general português Gomes Freire de Andrade. Falei mal de Cacambo e Sepé Tiaraju, fiquei comovido até as lágrimas ao citar o mais lindo verso da língua

portuguesa sobre a morte de Lindóia: “tanto era bela em seu rosto a morte”, quando aquele rapazinho, o sem nome, ergueu a mão e perguntou:

- Era verde a cobra que picou Lindóia?

- Era.

- Cobra verde não tem veneno, ao menos não para matar uma pessoa. Essa Cleópatra do mato sabia disso e não ia cometer um erro assim. O autor estava falando do que ele não conhecia, nunca andou por aqui. Os ibéricos vieram aqui com armas de fogo e fizeram um imenso genocídio. Esse Basílio é um calhorda ao exaltar um genocídio colonialista. Mataram milhares e milhares de índios, para aí se dizer que a índia se suicida, como se os índios tivessem morrido porque queriam. Isso é literatura portuguesa, não brasileira, de exaltação do imperialismo lusitano, como *Os Lusíadas*. Exaltar um general genocida português! Aqui!

- Isso era uma licença poética.

- Não, uma indecência nada poética. Que seus alunos de Coimbra gostassem de ouvir isso, vá lá, mas nós aqui não. Nós estamos com os índios.

- Seus antepassados vieram ocupar essas terras aqui.

- Mas eles não mataram os índios. Não podem ser culpados disso, como um cristão atual não deveria estar sendo culpado pela morte de Cristo. Dizer que a morte da índia foi boa para ela ficar mais bonita, isso é endossar o genocídio. Os índios não se suicidaram, eles foram mortos, em massa. Milhares e milhares. Assim como Basílio da Gama não sabia da cobra verde, talvez nem soubesse ao certo o nome Uruguai. Ele se vendeu para Pombal, que expulsou os jesuítas e não colocou outros professores no lugar deles. Que iluminista era esse!

Fiquei com raiva, perplexo diante daquela explosão. Mandei que ele se retirasse da sala. Ele saiu, com a cabeça baixa. Nenhum colega dele se manifestou. Todos queriam ter uma boa nota, obter o diploma, se dar bem. A verdade era o que menos importava.

Coitados, seriam professores de ginásio e iriam repetir o que eu estava doutrinando. Eu sentia desprezo por eles, mas também desprezo por mim, por estar aí com eles.

Nunca me ocorrera ver Basílio dessa perspectiva. Ela me parecia inaceitável. Como é que ele via o que eu não via? Coloquei o meu assistente a lecionar para aquela turma, eu não queria mais ver esse rapaz.

Sem vê-lo mais em sala, passei a odiá-lo ainda mais. Assim, por negativas vias, ele se aproximou dos meus filhos. Descarreguei nele o ódio que eu não podia descarregar nos filhos com que convivia. Era estranho eu me sentir assim, envolvido por um afeto. Alunos não tinham, para mim, nem nome nem rosto. Entre meus colegas havia muita vaidade, gente que se sentia melhor do que era, “gênios” que esperavam reconhecimento póstero. Talvez eu tivesse sido um deles se os filhos que tive não me ensinassem minha fraqueza.

O ingresso no ensino superior se dava por convite do catedrático. Nenhum catedrático queria aquele desbocado como assistente. Tive o prazer de ver como estava sendo rejeitado. Vi um dia o rapazote com um livro meu na mão. Nada comentou. Era como se tivesse piedade do que teria de me dizer. Um tipo como ele talvez viesse a escrever o que eu sempre quisera e nunca havia conseguido. Ele era uma sombra que pesava em mim.

Sendo eu catedrático, seria absurdo convidar como assistente quem pudesse me questionar e superar. Queríamos carregadores de pasta, sem exagero na burrice. Sei, não há mais cátedra. As oligarquias locais controlam as universidades. Hoje se faz concurso, mas quem controla o concurso é o departamento, e sempre há um grupo que o controla. A média é mediana. A universidade brasileira não fomenta gênios ímpares: prefere “pares”. Por mais que mudem as aparências, continua a oligarquia absoluta.

Estranhamente, comecei a ter pena do marginal, sempre a usar o mesmo casaco surrado. Um dia ele estava caminhando à minha frente, na direção do

restaurante universitário. Era o caminho para minha morada. Chamei-o e, quando o vi ao meu lado, eu não quis acreditar nas palavras que me ouvi dizer:

- Você é o filho que eu gostaria de ter tido!

- Pai ruim já tive um, não preciso de dois.

Percebendo o meu choque, ele explicou que o pai era um alcoólatra sádico, que só queria saber de farrear. Mais não disse. O pai dele não devia nem ter percebido o filho que tinha. Expliquei então, por alto, os filhos que eu tinha, não eram os que eu quisera ter tido, mas tinha de me arranjar. Assim chegamos à entrada do restaurante universitário e ele se despediu.

Eu soube que ele havia conseguido uma bolsa para a Alemanha, junto com dois colegas de origem alemã. Quando já estavam em Munique há mais de um ano, a comunidade israelita da nossa cidade encaminhou ao governo alemão uma reclamação, de que estavam fazendo uma política nazista ao darem bolsa para descendentes de alemães. O que ela não disse é que não queria que três jovens doutores viessem disputar as vagas que ela queria para a sua gente na nossa universidade. O governo alemão, não querendo se incomodar, cortou as bolsas. Eu soube que o nosso rapazinho tentou sobreviver vendendo flores, mas foi preso porque não tinha licença para trabalhar. Ele deveria ser deportado para o Brasil. Era a época do governo Médici. Os estudantes alemães protestaram, contrataram um advogado, impediram a deportação.

Poucos anos depois, houve um concurso para a nossa área. Eu queria regularizar a situação dos meus dois assistentes. Abri duas vagas. Quando vi, havia se inscrito o nosso rapazinho. Combinamos então fazer as provas sem que ninguém mais soubesse. Ele não compareceu e perdeu a chance. Tomamos o cuidado de enviar uma correspondência para ele avisando a data e o local da prova, mas que devia chegar com atraso e onde ele não estava. Eu sabia que não tinha dinheiro para contratar advogado. Parece que voltou ao exterior, talvez seja leitor numa escola qualquer. Assim me livre dele, não me livre da lembrança que me ficou. Aqui, agora, me livro dela também.

